



ESTATUETAS DE PILAR: AVALIAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA¹

PILLAR FIGURINES: AN ASSESSMENT OF THE MUSEUM OF BIBLICAL ARCHAEOLOGY'S COLLECTION

Rodrigo Silva²

Vanessa Meira³

Isaac Malheiros Meira Junior⁴

Resumo:

O Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) possui uma coleção de estatuetas que representa um rico registro arqueológico da região sírio-palestina, destacando-se as estatuetas pilares (Judean Pillar Figurines, JPF) do período do Ferro IIC. O objetivo deste artigo é avaliar a coleção de estatuetas de pilar. O estudo dessas imagens traz à tona informações sobre as crenças religiosas e práticas socioculturais da antiga Judá. A identificação e interpretação das JPF são variadas e controversas, sugerindo desde representações de deusas como Aserá até simples objetos rituais. A abordagem metodológica mais adequada ao estudo dessas peças deve considerar múltiplas fontes de evidência, textuais e arqueológicas, para evitar subjetivismo excessivo. A ausência de consenso e a diversidade de interpretações evidenciam a necessidade de um criterioso exame das evidências materiais e textuais para uma compreensão mais holística do papel das JPF na antiga sociedade judaica.

Palavras-chave: Estatuetas de pilar. Arqueologia bíblica. Judá. Levante.

Abstract:

The Museum of Biblical Archaeology (MAB) houses a collection of figurines that represents a rich archaeological record of the Syro-Palestinian region, highlighting the Judean Pillar Figurines (JPF)

¹ Enviado em: 01.04.2025. Aceito em: 05.08.2025.

² Possui graduação em Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (1992), graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (1999), mestrado em Teologia Histórica pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (1996). Especialização em arqueologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém (1998). Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção - atualmente vinculada à PUC SP (2001). Estudos pós doutorais com concentração em arqueologia bíblica pela Andrews University, EUA (2008). Doutor em arqueologia clássica pela Universidade de São Paulo com bolsa da Capes a partir de novembro de 2010 a março de 2011. É professor de Teologia e Arqueologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo - Campus Engenheiro Coelho. É Diretor do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB/UNASP) e apresentador do documentário semanal "Evidências", transmitido pela TV Novo Tempo.

³ Escritora, Pedagoga, Doutora em Teologia (Teologia Prática - Faculdade EST, São Leopoldo, RS), Mestra em Teologia (Religião e Educação - EST, São Leopoldo, RS, 2017). Docente do PPG em Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho, SP.

⁴ Faz estudos pós-doutorais em Novo Testamento na Andrews University (Berrien Springs, EUA), Doutor em Teologia (Tradições e Escrituras Sagradas) pela Escola Superior de Teologia (EST - São Leopoldo, RS), Mestre em Teologia (Leitura e Ensino da Bíblia) pela EST (2015). Possui graduação em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (2004). Fez Especialização em Educação Religiosa Escolar e Teologia Comparada pela Escola Superior Aberta do Brasil (2011). Atua como professor de Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC).

from the Iron IIC period. The aim of this article is to assess the collection of pillar figurines. The study of these images brings to light information about the religious beliefs and sociocultural practices of ancient Judah. The identification and interpretation of the JPF are varied and controversial, ranging from representations of goddesses like Asherah to simple ritual objects. The most suitable methodological approach to the study of these pieces should consider multiple sources of evidence, both textual and archaeological, to avoid excessive subjectivism. The lack of consensus and the diversity of interpretations highlight the need for a careful examination of material and textual evidence for a more holistic understanding of the role of JPF in ancient Judean society.

Keywords: Pillar figurines. Biblical archaeology. Judah. Levant.

Introdução

O acervo arqueológico do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), localizado no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), possui 17 exemplares de estatuetas originais feitas em cerâmica terracota e legalmente adquiridas em Israel e na Europa (Figura 1). Elas estão assim distribuídas: são 12 estatuetas femininas em bom estado de conservação (6 inteiras e 6 fragmentadas), um boi e um cavalo.

Assim como acontece com outras peças museológicas adquiridas no mercado de antiguidades, as que pertencem ao acervo do MAB têm a desvantagem de estarem fora de contexto. A retirada de objetos de seu ambiente cultural, histórico e geográfico original pode comprometer a compreensão completa de seu significado e função, já que, quando colocados em um novo contexto, podem ganhar novos valores culturais.⁵

Não obstante, reconhecendo que esta também é a realidade de importantes museus como os de Chicago e Harvard, a informação limitada em relação a sua procedência não impede sua pesquisa ou uma proposta de leitura a seu respeito. Assim, embora a falta de contexto seja uma desvantagem significativa, ela não é insuperável. Pesquisadores e curadores podem, e devem, utilizar abordagens metodológicas mais cuidadosas para reconstruir o máximo possível do contexto perdido.⁶

⁵ PEARCE, Susan M. **Museums, Objects and Collections: A Cultural Study**. Washington: Smithsonian Institution, 1992. p. 20-22.

⁶ Esse tema é discutido em KARP, Ivan; LAVINE, Steven D. **Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display**. Washington: Smithsonian Institution, 1991.

Figura 1 – Estatuetas do acervo do MAB



Fonte: MAB

Ressalta-se que a raridade de tal coleção em território nacional contribui para a análise de uma cultura material que, doutro modo, seria uma realidade distante para muitos pesquisadores que vivem no Brasil. Sem o acesso a esse tipo de artefato, sua análise documental se resumiria ao uso de desenhos e fotografias tiradas por outrem.

De igual modo, importa dizer que parte da coleção de estatuetas do MAB insere-se num registro arqueológico da região síria-palestina que rendeu uma variedade de efígies provavelmente religiosas representando locais como Beth-Shean, Gezer, Jerusalém, Laquis, Megido e Tell-Beit Mirsim e Tell em-Nasbeh.

Estatuetas de pilar

A tipologia específica desse conjunto de imagens tem sido motivo de longo debate na arqueologia do Levante.⁷ Aquelas, por exemplo, que recebem o nome de *estatuetas pilares* (em inglês, *Judean Pillar Figurines*, ou JPF)⁸ são modelos femininos de derivação incerta que surgem no período do Ferro IIC, por volta do 8º. Século A.E.C. e desaparecem subitamente no 6º século A.E.C.⁹

São consideradas *estatuetas de pilar* pequenas figuras esculpidas em pedra ou argila, representando humanos, animais ou criaturas míticas, encontradas em sítios arqueológicos em todo o mundo. As JPF são específicas da antiga Judéia (agora Israel e Palestina) e encontradas principalmente em sítios arqueológicos de Judá. Sua função

⁷ A região do Levante, também conhecida como *Mashriq*, em árabe, abrange partes do Oriente Médio: países da parte oriental do Mediterrâneo, incluindo Síria, Líbano, Israel, Palestina, Jordânia e algumas vezes Chipre e partes do sul da Turquia.

⁸ O termo JPF foi questionado por imprecisão, pois “Judéia” só surgiu após a conquista romana; o correto seria “judaitas” (*Judahite Pillar Figurines*). No entanto, isso não altera o uso do rótulo JPF (DEUTSCH, R. *Judahite Pillar Figurines: More Questions than Answers*. In: DARBY, Erin D.; HULSTER, Izaak J. de. **Iron Age Terracotta Figurines from the Southern Levant in Context**. Leiden: Brill, 2021. p. 163).

⁹ Cf. STERN, E. **Material Culture of the Land of the Bible in the Persian Period, 538– 332 B.C.** Warminster/Wiltshire: Aris & Phillips, 1982. p. 165-176; WILSON, I. D. *Judean Pillar Figurines and Ethnic Identity in the Shadow of Assyria*, **Journal for the Study of the Old Testament**, v. 36, n. 3, 2012, p. 263.

exata permanece debatida, com teorias sugerindo propósitos religiosos, ritualísticos ou decorativos, mas sem consenso entre os estudiosos.

O propósito desta pesquisa é trazer uma avaliação conjunta tanto da cultura material vigente quanto da correlação de textos assírios, ugaríticos e bíblicos que possam oferecer uma apresentação panorâmica das explicações da presença abrupta e significativa dessas imagens na região bem como a razão de seu desaparecimento súbito. As estatuetas simplesmente *surgem* no estrato arqueológico como se sua presença fosse facilitada e incentivada, depois somem sem deixar pistas de sua origem ou destino.

Alguns propõem que essas estatuetas foram um tipo de resposta nacionalista à destruição assíria de Samaria e às deportações em massa de Senaqueribe.¹⁰ Johnston¹¹ explorou a representação potencial destas estatuetas em relação à deusa Aserá, mas não encontrou nenhuma evidência textual específica. Wilson¹² baseia-se nisso, propondo que as JPF foram um meio de manter a identidade local face à expansão do império neo-assírio.

Muitos interpretam que seriam representações da deusa Aserá que continuou venerada durante a monarquia tardia de Judá mesmo com as proibições decretadas por Ezequias e Josias.¹³ Outros se mostram reticentes quanto a essa identificação.¹⁴ Wiggins, citando as conclusões de Keel, disse há alguns anos que em relação à figura de Aserá “houve uma multidão de deusas e mais ainda de mulheres do que deusas”.¹⁵ Keel queria, com essa declaração destacar a ideia mais recente de que as estatuetas não representariam nenhum deus específico, mas tão somente, mulheres mortais que usavam figuras votivas para presentear os deuses ou deusas.

Alguns poucos ainda sugerem que as imagens JPF seriam de Astarte, Anate ou de uma deusa da fertilidade qualquer, talvez relacionada à Qedeset, do panteão egípcio.¹⁶ Também já foi sugerido que seriam brinquedos, amuletos de boa sorte ou meras representações femininas sem nenhuma motivação religiosa.¹⁷

¹⁰ BYRNE, R. Lie Back and Think of Judah: The Reproductive Politics of Pillar Figurines. **Near Eastern Archaeology**, v. 67, n. 3, p. 137-151, 2004.

¹¹ JOHNSTON, P. Figuring out Figurines. **Tyndale Bulletin**, v. 54, n. 2, p. 81-104, 2003.

¹² WILSON, 2012, p. 259-278.

¹³ JOHNSTON, 2003, p. 82; KLETTER, R. **The Judean pillar figurines and the archaeology of Asherah**. Oxford: Tempus Reparatum, 1996. p. 17.

¹⁴ DARBY, E. **Interpreting Judean Pillar Figurines: Gender and Empire in Judean Apotropaic Ritual**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 40; WILSON, 2012, p. 259-278.

¹⁵ WIGGINS, S. **A Reassessment of Asherah: With Further Considerations of the Goddess**. Piscataway: Gorgias Press, 2007. p. 264.

¹⁶ Também chamada Qetesh, e outras transliterações variadas, trata-se uma deusa do panteão egípcio, de origem semítica, adotada ainda na Idade do Bronze da religião de Canaã e introduzida no panteão egípcio durante o Reino Novo. Era a deusa da fertilidade, do prazer sexual e do êxtase, tendo sido muito popular (cf. LAHN, K. Qedeschet. Genese einer Transfergottheit im ägyptisch-vorderasiatischen Raum. **Studien zur Altägyptischen Kultur**, v. 33. p. 201-237, 2005; STERN, E. **Archaeology of the Land of the Bible, Vol. 2: The Assyrian, Babylonian, and Persian Periods**. New York: Doubleday, 2001. p. 205-221.

¹⁷ KLETTER, 1996, p. 73. William Albright havia descrito as estatuetas desenterradas em Tell Beit Mirsim como “brinquedos” (ALBRIGHT, W. F. **The Excavation of Tell Beit Mirsim III: The Iron Age**. New Haven: American Schools of Oriental Research, 1943). Mais tarde ele vinculou as imagens a Astarte (ALBRIGHT, W. F. **The Archaeology of Palestine and the Bible** (Cambridge: American Schools of Oriental Research, 1974. p. 96-98, 121). Da mesma forma, Kathleen Kenyon descreveu as estatuetas descobertas em Jerusalém como “brinquedos” (KENYON, Kathleen M. **Digging up Jerusalem**. London: Ernest Benn, 1974). Tufnell descreveu as estatuetas como “brinquedos rudes ou símbolos caseiros

Ainda que o debate a esse respeito tenha apresentado mais perguntas do que respostas,¹⁸ é inegável que estes artefatos tiveram algum papel relevante na sociedade judaica do Ferro IIB. Mais de mil exemplares desse tipo foram encontrados em praticamente todas as grandes cidades de estados bíblicos como Israel, Judá, Amon e Moabe.¹⁹

A coincidência cronológica destes artefatos com o domínio assírio sobre Israel e Judá, bem como com a vigência e queda da monarquia judaica e israelita, sugere uma estreita correlação entre esses objetos e aquele específico capítulo da história política dos hebreus. O desafio é encontrar qualquer correlação entre tais artefatos e as fontes documentais existentes, bem como definir alguma abordagem metodológica que diminua o grau de subjetividade presente em muitas interpretações.²⁰ Seriam essas figuras objetos religiosos? Uma representação de divindade feminina cultuada no Levante? Uma concorrência ao culto javista?

Contexto imediato

Durante o período em que as estatuetas aparecem e desaparecem no Levante, as regiões mencionadas desenvolveram governos centralizados com burocracias profissionais. Isso é evidenciado por obras públicas, construção de muros, silos, túneis de água sofisticados, padronização de pesos e medidas, maior uso da escrita e carruagens puxadas por cavalos. Nesse contexto, surgem figuras zoomórficas de equinos e estatuetas masculinas, especialmente do tipo *cavalo-e-cavaleiro*, encontradas junto às figuras femininas.²¹ O acervo do MAB inclui cinco dessas estatuetas, três completas e duas apenas com o cavalo.

Algumas dessas representações datam do final do Bronze, precedendo as figuras JPF. No entanto, sua produção aumentou no Ferro I (1200 A.E.C.), acompanhada por vasos em forma de cavalo, encontrados amplamente, principalmente no Reino de Israel. Seu surgimento está ligado à crescente importância da cavalaria e das carruagens puxadas por cavalos no Levante e no Oriente.²² Estatuetas de cavalos, por vezes com cavaleiros, como as do MAB, tornaram-se comuns no sul do Levante a partir do século

sem valor intrínseco” (TUFNELL, O. (ed.). *Lachish III. (Tell ed-Duweir)*. Oxford: Oxford University Press, 1953. p. 374-378).

¹⁸ DEUTSCH, 2021, p. 163-177.

¹⁹ Em 1996, Kletter identificou 854 imagens JPF, mas nos anos seguintes surgiram ainda mais, elevando o total para aproximadamente 1.000. Hoje o número é bem maior (KLETTER, R. Between Archaeology and Theology. In: MAZAR, A. (ed.). *Studies in the Archaeology of the Iron Age in Israel and Jordan*. Sheffield: Sheffield Academic, 2001. p. 179-216).

²⁰ DARBY, 2014, p. 1.

²¹ Há um debate sobre se esses cavaleiros representam uma pessoa a cavalo ou um mensageiro divino, uma divindade menor que entregava votos e orações aos deuses superiores (CORNELIUS, Izak. A Terracotta Horse in Stellenbosch and the Iconography and Function of Palestinian Horse Figurines. *Zeitschrift des Deutschen Palastina-Vereins*, v. 123, n. 1, [p. 28-36], 2007. p. 30-32).

²² CANTRELL, D. O. *The Horsemen of Israel: Horses and Chariotry in Monarchic Israel*. History, Archaeology, and Culture of the Levant 1. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011. p. 112; MAZAR, A. Clay Figurative Art and Cult Objects. In: PANITZ-COHEN, Nava; MAZAR, A. (eds.). *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996*, Vol. III. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2009. p. 554.

VIII A.E.C., especialmente em Judá, onde são predominantes, perdendo apenas para as figuras femininas JPF.²³

Para alguns as estatuetas do tipo *cavalo-e-cavaleiro* seriam a representação de um deus-guerreiro identificado como Baal, Resefe ou até mesmo Javé,²⁴ proposta que causou grande polêmica entre os acadêmicos. O acervo do MAB traz figuras (que poderiam ser divindades femininas) montadas em animais de quatro patas. A ocorrência de figuras femininas montadas em animais não é incomum.²⁵

Figura 2 - Figura síria-hitita do tipo *cavalo-e-cavaleiro* (ca 2000-1500 A.E.C.)



Fonte: MAB

Em alguns casos, é difícil determinar se a figura sobre o animal é uma divindade bem como seu gênero. A literatura geralmente não define isso, mas a ausência de seios e cabelos longos leva alguns a identificá-las como cavaleiros, não amazonas. Lecland foi pioneiro ao sugerir que algumas poderiam representar Astarte montada em um cavalo, boi ou leão.²⁶

²³ Os rituais envolvendo estatuetas de *cavalos-e-cavaleiros*, apesar de comuns, aparentemente aconteciam com muito menos frequência do que aqueles que utilizavam estatuetas de pilares (BOSMAN, Hendrik L. Female participation in Judean family religions – an archaeological perspective towards a heterarchical understanding. **Stellenbosch Theological Journal**, v. 8, n. 1, [p. 1-20], 2022. p. 11, nota 9).

²⁴ GARFINKEL, Yosef et al. **Khirbet Qeiyafa, vol. 4: Excavation Report 2009–2013: Art, Cult and Epigraphy**. Jerusalem: Israel Exploration Society and the Khirbet Qeiyafa Expedition, 2018. p. 155-158; DEVER, W. G. **The Lives of Ordinary People in Ancient Israel: Where Archaeology and the Bible Intersect**. Michigan: Eerdmans, 2012. p. 279-281; CORNELIUS, 2007, p. 31.

²⁵ PRITCHARD, J. B. **Palestinian Figurines in Relation to Certain Goddesses Known Through Literature**. American Oriental Series 24. New Haven: American Oriental Society, 1943. p. 67.

²⁶ LECLANT, J. Astarté à cheval d'après les représentations égyptiennes. **Siria** v. 37, 1960, p. 1-67.

Figura 3 - Figuras possivelmente relacionadas a Baal, a primeira é de origem cipriota (800-600 A.E.C.), e a segunda, judaíta (ca. 800 a.C.)



Fonte: MAB

Se a estatueta judaíta montada em uma besta de 4 patas (Figura 3, acima) for considerada uma figura feminina com função religiosa, pode ser identificada como Astarte.²⁷ O acervo do MAB traz ainda estatuetas de animais não montados (Figura 4).

Figura 4 - Estatuetas de cavalo judaíta (800 A.E.C.) e boi siro-hitita (1200 A.E.C.)



Fonte: MAB

A resistência em associar as figuras JPF à função religiosa também ocorre com estatuetas zoomórficas e masculinas. Dever relacionou os cavalos de terracota aos “cavalos e carros do sol” e Baal ao “cavaleiro das nuvens”, com base nos mitos ugaríticos.²⁸ No entanto, outros pesquisadores argumentam que, embora algumas figuras

²⁷ Para os cristãos, a associação com a imagem da mulher montada em uma besta em Apocalipse 17:3 é imediata, à primeira vista. Contudo, são necessárias evidências mais fortes para fundamentar essa associação e seus significados.

²⁸ DEVER, W. G. **Did God Have a Wife?** Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel. Grand Rapids: Eerdmans, 2005. p. 155-157.

possam ter atributos divinos, muitas tinham usos mundanos, como as estatuetas da Figura 4.²⁹

Classificação

A coleção de estatuetas do MAB pode se encaixar perfeitamente na classificação de Pritchard,³⁰ que separa os exemplares em oito tipos:

1) *Qadesh* – o único tipo que Pritchard classificou inequivocamente como “divindade”. Trata-se de uma imagem feminina com os braços estendidos, algumas vezes sem nenhum elemento adicional, noutras segurando varas, talos, cajados ou serpentes.

2) *Mãos segurando os seios* – imagens femininas interpretadas como estando em posição erótica ou demonstrando fertilidade.

Figura 5 – Figura de Aserá (?) (Levante, 900-600 A.E.C.)



Fonte: MAB

A Figura 5 mostra uma estatueta possivelmente de Aserá, deusa da fertilidade e esposa de Baal, adorada em Israel (Jz 2:12-13). Salomão (1Rs 11:5, 33) e o povo de Judá no reinado de Roboão a cultuaram (1Rs 14:23). Maaca, mãe de Asa, fez um ídolo para ela (1Rs 15:13), e Elias mandou matar 400 de seus profetas sustentados por Jezabel (1Rs 18:19). Ela também é chamada de “rainha dos céus” (Jr 44:15-19). Pritchard observa que algumas versões dessa estatueta mostram a figura feminina com uma mão no seio e outra sobre a genitália (Figura 6).

²⁹ MOOREY, P. R. S. **Idols of the People**. Miniature Images of Clay in the Ancient Near East. The Schweich Lectures of the British Academy 2001. Oxford: British Academy, 2003. p. 61-62.

³⁰ PRITCHARD, 1943, p. 5. Existem outras classificações mais recentes. Holland catalogou todas as estatuetas encontradas, especialmente as que foram descobertas em Jerusalém (HOLLAND, T. A. A Study of Palestinian Iron Age Baked Clay Figurines with Special Reference to Jerusalem Cave I. **Levant**, v. 9, p. 121-122, 1977); Gilbert-Peretz focou em estatuetas descobertas na Cidade de David (GILBERT-PERETZ, D. Ceramic Figurines. In: ARIEL, D. T.; DE-GROOT, A. (eds.). **Excavations at the City of David 1978–1985, Directed by Yigal Shiloh**. Vol. IV. Various Reports. Qedem 35. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1996. p. 29-84.), e Kletter (1996) sintetizou todo o material disponível até 1995. Contudo, a tipologia de Pritchard continua válida e amplamente usada em trabalhos mais recentes, como Darby (2014, p. 40) e Zevit (ZEVIT, Z. **The Religions of Ancient Israel: A Synthesis of Parallactic Approaches**. London: Continuum, 2001. p. 268).

Figura 6 - Estatueta Canaanita da Fertilidade (Levante 1200 A.E.C.)



Fonte: MAB

Amuletos domésticos eram usados para sorte, proteção, fertilidade, adivinhação e contato com os mortos. Influências pagãs coexistiram com o culto israelita, e a Bíblia menciona ídolos em lares (Jz 17:5; 1Sm 19:13; Zc 10:2), eliminados em reformas religiosas (2Rs 23:24). Na Judeia, há duas variações principais desse tipo, sendo uma delas com o rosto comprimido para formar dois olhos, lembrando um pássaro (Figura 7).

Figura 7 – Divindade siro-hitita com rosto de pássaro e seios (Levante, 800 A.E.C.)



Fonte: MAB

A outra variação na Judeia tem traços definidos e cabelos cacheados no estilo egípcio ou fenício (Figura 8). Hoje, essas estatuetas são conhecidas como JPF.

Figura 8 - Deusa elamita da fertilidade Kiririsha (Babilônia, 2700-640 A.E.C.)³¹



Fonte: MAB

3) *Figura feminina nua com braços caídos para os lados* – Comum em placas, muitas usadas como pingentes (Figura 9). Tadmor, atualizando Pritchard, sugeriu que algumas podem estar ligadas à deusa Hator e devem ser vistas horizontalmente (deitadas), representando crenças mortuárias e práticas funerárias locais.³²

Figura 9 - Pingente sírio de Aserá (?) ou Astarte(?) arcaica (Levante, ca. 800-600 A.E.C.)



Fonte: MAB

4) *Arcaico* – em placas, com orelhas furadas ou braços cruzados sobre o peito.

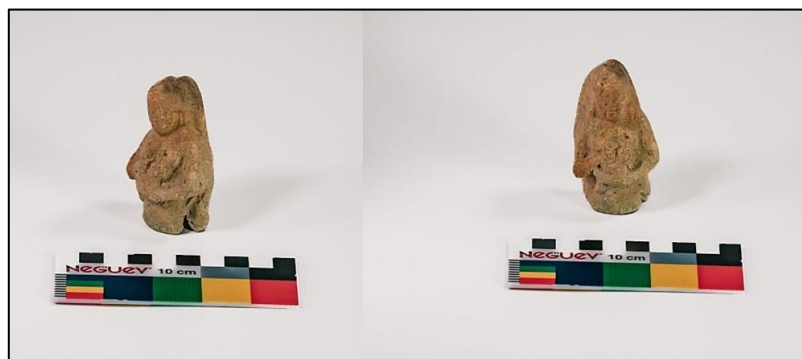
³¹ A civilização Elamita permanece nos períodos 2700-640 a.C., o que acaba por englobar tal datação. A respeito das deusas da fertilidade entre os elamitas, ver ALIZADEH, S; JABARI, F. Motifs of Woman with Emphasis on the Fertility Goddesses in Elam Civilization (2700-640 BC). **Journal of History Culture and Art Research**, v. 3, n. 6, p. 1176-1189, 2017.

³² TADMOR, M. Women Relief-figurines in Late Bronze Age Canaan. **Eretz-Israel**, v. 15, (p. 79-84), 1981. p. 80-82; TADMOR, M. Female Cult Figurines in Late Canaan and Early Israel: Archaeological Evidence, In: ISHIDA, T. (ed.). **Studies in the Period of David and Solomon and Other Essays**. Papers Read at the International Symposium for Biblical Studies, Tokyo, 5-7 December 1979, Tokyo. University Park: Eisenbrauns, 1982. p. 141-149.

5) *Estatueta segurando um disco* – rara e ausente no acervo do MAB, mostra uma mulher segurando um disco, possivelmente um pandeiro, pão ou disco solar.³³

6) *Estatueta materna* – geralmente em placa, representa uma mulher grávida segurando a barriga ou uma mãe com seu filho (Figura 10).

Figura 10 - Mulher grávida segurando filho (ca. 800-600 A.E.C.)



Fonte: MAB

7) *Estatueta de pilar* – a tipologia de Pritchard é confusa aqui,³⁴ pois sua descrição se adequa mais às estatuetas do tipo 2 que são comumente reconhecidas como estatueta de pilar. O seu erro consistiu em analisar apenas uma base de estatueta fragmentada pertencente ao contexto do Bronze Médio que fora encontrada Tell Beit Mirsim.

8) *Tipos não classificados*.

Embora figuras femininas, geralmente relacionadas a cultos, sejam datáveis desde o Bronze Médio até ao Helenístico, a tipologia de interesse desta análise - e que tem representação no corpus do MAB - é esta sugerida por Pritchard e datada do Ferro IIC, acrescida dos exemplares masculinos e zoomórficos não representados na relação tipológica.

Interpretações

As interpretações dessas imagens são controversas devido à subjetividade. Algumas foram vistas até como brinquedos infantis, hipótese hoje pouco aceita.³⁵ Entre as figuras femininas, especialmente as JPF, sugeriu-se que representassem “*dea nutrix*”,³⁶ Astarte,³⁷ uma divindade desconhecida associada à fertilidade,³⁸ Aserá;³⁹ ou

³³ MEYERS, C. A Terracotta at the Harvard Semitic Museum and Disc-Holding Female Figures Reconsidered. *Israel Exploration Journal*, v. 37, n. 2/3, (p. 116-122), 1987.

³⁴ ZEVIT, 2001, p. 268.

³⁵ Voigt relaciona as sugestões dadas: estatuetas para uso em cultos, veículos de magia, estatuetas de iniciação e brinquedos (VOIGT, M. M. **Hajji Firuz Tepe, Iran: The neolithic Settlement**. Hasanlu Excavation Reports Vol. I. Pennsylvania: The University Museum, 1983).

³⁶ “*Dea Nutrix*” significa “Deusa Nutridora” e representa a maternidade, nutrição e cuidado materno na mitologia romana. Adorada em ritos religiosos, especialmente por mulheres, simbolizava a importância da maternidade na criação e sustento da vida.

³⁷ ALBRIGHT, W. F. Astarte Plaques and Figurines from Tel Beit-Mirsim. In: **Mélanges Syriens offerts à monsieur René Dussaud**. Paris: Librairie Geuthner, 1939. p. 120; Holland, 1977, p. 122.

³⁸ NEGBI, O. **Caananite Gods in Metal: An Archaeological Study of Syro-Palestinian Figures**. Tel Aviv: University Institute of Archaeology, 1976.

apenas estatuetas rituais dos devotos humanos. Sobre essas últimas, Meyers observa que, mesmo não sendo deidades, poderiam estar associadas a um culto divino.⁴⁰

Um reforço à interpretação das imagens como representantes de Aserá, ideia que mais prevalece na academia, veio do trabalho de Keel e Uehlinger.⁴¹ Rejeitando qualquer possibilidade de identificação com Astarte, eles viam no formato das estatuetas JPF um movimento do *símbolo estilizado* da árvore da deusa para uma imagem antropomórfica, conforme o poste-ídolo de Manassés referido em 2 Reis 23:7.

Assim, as imagens seriam um renascimento da piedade religiosa cananeia nos lares de Judá. Esta é uma tese atraente; mas que carece de maiores dados que a confirmem, como por exemplo, a evidência de um culto promovido pelo Estado Judaico relacionado às imagens ou uma descrição de que esta era de fato a forma do poste-ídolo (*pesel*) de Aserá.

A dificuldade, conforme argumenta Meyers,⁴² é a impossibilidade de se identificar a divindade em questão sem o acompanhamento de um texto ritualístico. De fato, esse problema se estende às demais figuras zoomórficas, bem como às imagens de *cavalo-e-cavaleiro*, fragilizando sua identificação com Baal ou Javé.

Critério da atestação múltipla

Em 2014, Erin Darby publicou sua tese doutoral, defendida em 2011 na Universidade de Duke, analisando interpretações das estatuetas femininas de Judá no Ferro IIC.⁴³ Embora não trate de figuras masculinas e zoomórficas, sua abordagem metodológica inspirou o critério da atestação múltipla adotado neste artigo, mesmo que alguns exemplares do MAB sejam de outros períodos.

Darby é exponencialmente crítica em relação à subjetividade observada na história das interpretações acerca das JPF, especialmente quanto às teorias anteriormente sustentadas de identificação entre as JPF e Aserá ou da limitação de seu uso às mulheres em rituais religiosos domésticos.

Darby critica a subjetividade das interpretações das JPF, questionando sua associação direta com Aserá ou seu uso exclusivo por mulheres em rituais domésticos. Ela investiga religiosidade heterodoxa e o papel das mulheres como agentes rituais, contestando conclusões que ignoram o contexto arqueológico. Refuta, por exemplo, a ideia de que as JPF eram usadas apenas por pobres, pois também foram encontradas em áreas da elite de Jerusalém.⁴⁴ Também rejeita a noção de que apenas mulheres as utilizavam, já que não aparecem exclusivamente em espaços considerados femininos ou junto a ferramentas como fusos e moedores de grãos.⁴⁵

³⁹ ENGLE, J. R. **Pillar Figurines of Iron Age Israel and Asherah-Asherim**. Tese (Ph.D. dissertation) – University of Pittsburgh, 1979. p. 34-35; AHARONI, Y. **Excavations at Ramat Rachel: Seasons 1961 and 1962**. Rome: Centro di Studi Semitici, 1964. p. 29.

⁴⁰ MEYERS, 1987, p. 121.

⁴¹ KEEL, O.; UEHLINGER, C. **Gottinnen, Gotter und Gottesymbole**, QD 134. Freiburg im Breisgau: Vandenhoeck and Ruprecht, 1992. p. 322-370.

⁴² MEYERS, 1987, p. 122.

⁴³ DARBY, 2014.

⁴⁴ DARBY, 2014, p. 43-55.

⁴⁵ DARBY, 2014, p. 55-59.

Apesar da riqueza de dados, Darby cai na mesma armadilha que critica: sua interpretação das imagens como objetos de proteção e cura carece de confirmação e não descarta outras possibilidades.⁴⁶

Seu mérito está em apontar falhas metodológicas que excluem evidências, especialmente da literatura contemporânea. O receio acadêmico de vincular textos a artefatos, influenciado pelo processualismo e pós-processualismo, leva a análises parciais da evidência arqueológica, ampliando o *subjetivismo interpretativo*.⁴⁷

Para propor uma interpretação, ainda que hipotética, sobre este grupo imagético do MAB, bem como do corpus iconográfico maior a que ele pertence, é importante não deixar de fora nenhuma evidência possível. É desejável que haja um esforço de busca de todos os dados possíveis e necessários a fim de entender as origens, uso e extinção das JPF.

Para interpretar esse grupo imagético do MAB e seu corpus iconográfico, é essencial considerar todas as evidências disponíveis. O critério de atestação múltipla busca integrar diversas fontes para uma compreensão mais ampla, mesmo que nunca seja total devido ao hiato temporal. Dever criticou o excesso de cautela acadêmica ao negligenciar vínculos entre artefatos e o texto bíblico, postura exemplificada por Bird ao destacar a distribuição anômala das JPF e a dificuldade de relacioná-las com segurança às Escrituras.⁴⁸

Levando em conta textos e artefatos

A arqueologia, embora jovem comparada aos estudos clássicos da história antiga, se tornou cautelosa em relação às fontes documentais, especialmente durante a fase processualista. Significativas teorias arqueológicas surgiram de pesquisas pré-históricas sem fontes textuais. No entanto, a ruptura entre arqueologia e história é prejudicial, e a definição clássica de Dunbabin, que vê a arqueologia como “ama da história”,⁴⁹ continua válida. A arqueologia pode e deve ser correlacionada com fontes textuais, evitando o extremismo que rejeita essa possibilidade.

Existem situações em que o pesquisador se depara com a ausência de textos históricos (literários, historiográficos e epigráficos), restando apenas a arqueologia como fonte de informação. Em outros casos, pode haver textos históricos, mas sem nenhuma evidência arqueológica correspondente. Além disso, pode haver momentos em que a arqueologia e os textos históricos discordam ou se complementam, permitindo a formulação de hipóteses razoáveis sobre o passado.

A mera análise, por exemplo, das estátuas romanas, desconhecendo ou desconfiando de tudo o que os próprios romanos escreveram é um empobrecimento do

⁴⁶ DARBY, 2014, p. 393-397.

⁴⁷ HODDER. I. **Theory and Practice in Archaeology**. London: Routledge, 1992; ARAFAT, K. W. Fact and Artefact: Texts and Archaeology. *Hermathena*, v. 148, 1990, p. 45-67. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23041133>. Acesso 20 Mar. 2024.

⁴⁸ BIRD, P. A. Israelite Religion and the Faith of Israel's Daughters. In: JOBLING, D.; DAY, P. L.; SHEPPARD, G. T. (eds.). **The Bible and Poetic Exegesis: Essays in Honor of Norman K. Gottwald**. Cleveland: Pilgrim Press, 1991. p. 103.

⁴⁹ DUNBABIN, T. J. **The Greeks and Their Eastern Neighbours: Studies in the Relations Between Greece and the Countries of the Near East in the Eighth and Seventh Centuries B.C.** London: The Society for the Promotion of Hellenistic Studies, 1957. p. 14.

debate. Não são as relações entre fontes textuais e a cultura material que confundem as questões e sim as conjecturas que se fazem delas.⁵⁰

Quando houver a possibilidade correlacional, artefatos e textos, podem e devem ser vistos em conjunto como fontes de evidência complementar ou contraditória. Sabe-se de muitos casos em que o registro textual de um período foi de nenhum valor para a cultura material, mas também é sabido de muitas situações em que um complementou o outro ou até corrigiu o que se havia estabelecido pelas fontes clássicas. Tanto a vilanização do texto, como a exacerbação individualista sobre o intérprete precisam ser tratadas com parcimônia, especialmente neste estudo que mistura tantas nuances políticas, sociais e religiosas do passado.

O artigo de Burns,⁵¹ diferindo da visão pessimista de Bird,⁵² analisa artefatos em correlação com termos hebraicos rituais. Ele conclui que as JPF de Judá representavam Aserá como mãe protetora e nutridora, presente na vida e na morte. Para Burns, evidências textuais sugerem que a adoração de Aserá integrou, por um período, o culto a Javé em Judá, Israel e Transjordânia.

As propostas que correlacionam as imagens a Aserá, seja como representantes da deusa ou objeto de culto representando o adorador, perpassam outras evidências como as inscrições de Kuntillet 'Ajrud e Khirbert el Qôm que falam de "Javé e sua Aserá".⁵³ Em conjunto com o corpus literário hebraico, temos os textos épicos, poéticos e ritualísticos de Ugaríte (Rash Shamra, Síria), Fenícia (i.e. Canaã), Egito e Assíria que oferecem uma visão conjunta das possíveis origens de Aserá e sua apropriação na cultura judaico-israelita.

Neste aspecto a evidência arqueológica, apesar das posições contrárias, é mais do que notória. O problema está com as afirmações que ultrapassam a cultura material. Dever, por exemplo, conclui que essa representação de Aserá como "deusa mãe" do Levante era a religião popular sufocada por uma elite masculina de judeus que suprimiu intencionalmente a memória de uma crença centrada no sagrado feminino.⁵⁴

Nenhuma das evidências, porém, apoia essa conclusão. Não existem indícios de que o monoteísmo javista teria surgido apenas no final da monarquia de Judá em contraposição ao culto popular de Aserá. As estatuetas e placas foram encontradas tanto em casas de pessoas simples, quanto em setores públicos e da elite judaica de modo que a evidência material demonstra uma proliferação do uso dessas imagens, incongruente com uma suposta tensão social entre as elites da corte e as camadas populares.

Ademais, se essa era a forma de culto anterior ao surgimento do monoteísmo que o reprimiu, por que razão sua tipologia surge de modo tão brusco no registro arqueológico do Ferro IIC sem uma razão clara que o justifique? Note que apesar de existir uma certa confluência cultural e iconográfica entre as imagens e outras formas de culto vistas no Egito e na Mesopotâmia, não há um elemento migratório claro ou uma importação daquelas formas de culto para o sul do levante.

⁵⁰ ARAFAT, 1990, p. 64.

⁵¹ BURNS, J. B. Female Pillar Figurines of the Iron Age: A Study in Text and Artifact. **Andrews University Seminary Studies**, v. 36, n. 1, (p. 23-49), 1998.

⁵² BIRD, 1991.

⁵³ OLYAN, S. M. **Asherah and the Cult of Yahweh in Israel**. SBLMS, 34. Atlanta: Scholars Press, 1988; MAIER, W. A. **Ašerah: Extrabiblical Evidence**. HSM, 37. Atlanta: Scholars Press, 1986; DEVER, 2005.

⁵⁴ DEVER, 2005, p. 176-208.

As imagens simplesmente surgem, como uma geração espontânea ou uma cópia deliberada do que havia em redor, porém, tão adaptada que já não traria feições de onde se inspirou. Se a padronização dos tipos sugeridos por Pritchard sugere regularidade, a singularização de suas feições indica uma unicidade que torna quase impossível traçar qualquer linha evolutiva entre elas e as antigas religiões egípcias, fenícias ou mesopotâmicas.

Sejam as imagens JPF representantes de Aserá, Anate, Astarte ou Qedeshet, ainda assim, estamos diante de versões únicas. A única importação, caso tenha havido, foi das ideias e não dos modelos. Apesar das correlações com outras culturas, as JPF têm vida própria, o que dificulta as equiparações, e vários pesquisadores reconhecem isso.⁵⁵ Byrne⁵⁶ afirma, em oposição a Dever, os padrões de distribuição e a grande quantidade de estatuetas e placas sugerem que longe de ser um culto subjugado, a adoção das JPF contou com algum tipo de apoio oficial da monarquia. A opressão assíria fazia dessas imagens uma espécie de autoafirmação nacional.

Estatuetas quebradas e predominantemente femininas

O fato de boa parte dessas estátuas estarem quebradas levou estudiosos a levantarem a hipótese de algumas delas terem sido quebradas intencionalmente como parte de um ritual ou reforma religiosa iconoclasta,⁵⁷ frequentemente relacionada às reformas religiosas (como a dos reis Ezequias e Josias, conforme descrito na Bíblia Hebraica).⁵⁸ Outros, porém, preferem achar que foram quebradas acidentalmente ou que as estatuetas feitas em Judá só tinham a cabeça.

O MAB conta com 3 estatuetas contendo apenas a cabeça. Duas delas têm as feições parcialmente desgastadas, mas claramente humanas (Figura 11, abaixo), e foram identificadas como “possivelmente Aserá”. São típicas do final do período do Ferro II e sua origem exata não foi identificada, apesar de terem sido trazidas de Israel. A primeira segue um estilo pinçado à mão como as estatuetas de “cabeça de pássaro” que, na opinião de Darby, seria o resultado do desconforto de alguns artistas em fazer qualquer representação antropomórfica que contrariasse o mandamento de Êxodo 20:4.⁵⁹ O ponto fraco dessa sugestão é que, alguém de ser especulativa, ela desconsidera que no mandamento a proibição incluía também a feitura de animais.

Figura 11 – Fragmentos (?) de cabeça feminina (possivelmente Aserá)



⁵⁵ CORNELIUS, Izak. **The Many Faces** of Qedeshet, and Asherah c. 1500-1000
⁵⁶ BYRNE, 2004, p. 140-141.
⁵⁷ HOLLAND, 1977, p. 137.
⁵⁸ DEVER, W. G. **Recent Archaeology** 1990. p. 159-160.
⁵⁹ DARBY, 2014, p. 44-46, 338.

o-Palestinian Goddesses Anat, Astarte, and Asherah, in: *Journal of the American Oriental Society*, 124, 1, 2004, p. 4-7.

don: University of Washington Press,

Fonte: MAB

O outro fragmento é uma cabeça de uma estatueta canaanita de Aserá (Figura 12, abaixo). Nesse caso, as feições do rosto estão mais bem preservadas:

Figura 12 - Fragmento de Aserá Cananita (Israel, 700 A.E.C.)



Fonte: MAB

Apesar da possibilidade de quebra deliberada como parte de um ritual iconoclasta não poder ser descartada, não há razões suficientemente inequívocas para conectar as estatuetas especificamente às reformas desses reis em vez de outros possíveis processos históricos.⁶⁰

A predominância de figuras femininas⁶¹ levou pesquisadores a sugerir que os deuses masculinos poderiam estar sendo mostrados como animais, influenciados pelo culto a Javé, que evitava mostrar a divindade em forma humana.⁶² Outros estudiosos propuseram que as estatuetas masculinas poderiam representar ancestrais étnicos e familiares.⁶³

Enfim, se trouxermos todas as propostas à mesa, devemos admitir que as JPF são predominantemente femininas porque simbolizam a fertilidade, a maternidade e a vida doméstica. Estas estatuetas provavelmente desempenharam um papel em rituais

⁶⁰ BRIFFA, J. M. **The Figural World of the Southern Levant During the Late Iron Age**. Tese (Doutorado) – Institute of Archaeology, University College London, 2017. p. 40.

⁶¹ BRIFFA, 2017, p. 323-333.

⁶² MAY, H. G. **Material Remains of the Megiddo Cult**. Chicago: University of Chicago Press, 1935. p. 34.

⁶³ ALBERTZ, R.; SCHMIDT, R. **Family and Household Religion in Ancient Israel and the Levant**. Winowa Lake: Eisenbrauns, 2012. p. 65, 72.

para promover a fertilidade e proteger as famílias, refletindo as contribuições essenciais das mulheres para o lar e a família. Também podem estar ligados a crenças religiosas, representando deusas ou divindades femininas associadas a esses papéis. No geral, a ênfase nas figuras femininas sublinha o significado cultural e social das mulheres nessa sociedade.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar de maneira panorâmica, o acervo de estatuetas de pilar do MAB, bem como o estado-da-arte sobre o tema. A pesquisa sobre estatuetas do MAB enfrenta desafios devido à informação limitada sobre o seu contexto cultural e geográfico. No entanto, o acervo oferece aos pesquisadores brasileiros uma rara oportunidade de estudar artefatos de culturas distantes. Estatuetas do tipo JPF do período do Ferro IIC ilustram a complexidade da cultura material da antiga Judá e contribuem para debates sobre seu simbolismo e significado religioso.

As interpretações das JPF variam, com alguns ligando-os a divindades como Aserá (ou Astarte), enquanto outros sugerem usos seculares, mas nenhum consenso foi alcançado. O MAB identificou algumas estatuetas com o culto a Aserá (em várias versões) e pelo menos um exemplar da deusa elamita Kiririsha, identificações plenamente justificadas à luz da literatura especializada. A metodologia de atestação múltipla proposta visa reduzir vieses ao integrar fontes textuais e materiais, cruciais para interpretações equilibradas.

A análise revela que, apesar das influências das culturas vizinhas, as JPF possuem características únicas. É necessária uma investigação mais aprofundada para descobrir evidências adicionais que possam esclarecer a sua utilização, origem e desaparecimento, oferecendo informações sobre a antiga sociedade judaica e as suas práticas religiosas.

Em conclusão, estas figuras tinham um significado religioso e nacional, mas também faziam parte de um mundo em miniatura dentro da vida doméstica, revelando os valores sociais e a identidade do sul do Levante durante a Idade do Ferro. Eles nos ajudam a compreender as pessoas e sociedades que as criaram e usaram.

O estudo dessas estatuetas sugere que o papel religioso das mulheres deve ser levado em consideração ao refletir sobre o *status* das mulheres dentro da sociedade judaica antiga. Não se trata de criar antagonismos entre pesquisas baseadas em textos e pesquisas baseadas em vestígios de cultura material acessados por meio de escavações arqueológicas. Abordagens equilibradas não negligenciarão evidências importantes antes de fazer afirmações generalizadas sobre a religião familiar e os papéis religiosos das mulheres no mundo bíblico.

Referências

- AHARONI, Y. **Excavations at Ramat Rachel: Seasons 1961 and 1962**. Rome: Centro di Studi Semitici, 1964.
- ALBERTZ, R.; SCHMIDT, R. **Family and Household Religion in Ancient Israel and the Levant**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012.

- ALBRIGHT, W. F. Astarte Plaques and Figurines from Tel Beit-Mirsim. In: **Mélanges Syriens offerts à monsieur René Dussaud**. Paris: Geuthner, 1939. p. 107-120.
- ALBRIGHT, W. F. **The Archaeology of Palestine and the Bible**. Cambridge: American Schools of Oriental Research, 1974.
- ALBRIGHT, W. F. **The Excavation of Tell Beit Mirsim III: The Iron Age**. New Haven: American Schools of Oriental Research, 1943.
- ALIZADEH, S; JABARI, F. Motifs of Woman with Emphasis on the Fertility Goddesses in Elam Civilization (2700-640 BC). **Journal of History Culture and Art Research**, v. 3, n. 6, p. 1176-1189, 2017.
- ARAFAT, K. W. Fact and Artefact: Texts and Archaeology. **Hermathena**, v. 148, 1990, p. 45-67. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23041133>. Acesso 20 Mar. 2024.
- BIRD, P. A. Israelite Religion and the Faith of Israel's Daughters. In: JOBLING, D.; DAY, P. L.; SHEPPARD, G. T. (eds.). **The Bible and Poetic Exegesis: Essays in Honor of Norman K. Gottwald**. Cleveland: Pilgrim Press, 1991. p. 97-108.
- BOSMAN, Hendrik L. Female participation in Judean family religions – an archaeological perspective towards a heterarchical understanding. **Stellenbosch Theological Journal**, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2022.
- BRIFFA, J. M. **The Figural World of the Southern Levant During the Late Iron Age**. Tese (Doutorado) – Institute of Archaeology, University College London, 2017.
- BURNS, J. B. Female Pillar Figurines of the Iron Age: A Study in Text and Artifact. **Andrews University Seminary Studies**, v. 36, n. , p. 23-49, 1998.
- BYRNE, R. Lie Back and Think of Judah: The Reproductive Politics of Pillar Figurines. **Near Eastern Archaeology**, v. 67, n. 3, p. 137-151, 2004.
- CANTRELL, D. O. **The Horsemen of Israel: Horses and Chariotry in Monarchic Israel**. History, Archaeology, and Culture of the Levant 1. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011.
- CORNELIUS, Izak. A Terracotta Horse in Stellenbosch and the Iconography and Function of Palestinian Horse Figurines. **Zeitschrift des Deutschen Palastina-Vereins**, v. 123, n. 1, p. 28-36, 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27931809>. Acesso em 19 Mar. 2024.
- CORNELIUS, Izak. **The Many Faces of the Goddess: The Iconography of the Syro-Palestinian Goddesses Anat, Astarte, Qadesh, and Asherah c. 1500-1000 BCE**. Fribourg/Göttingen: Academic Press/Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.
- DARBY, E. **Interpreting Judean Pillar Figurines: Gender and Empire in Judean Apotropaic Ritual**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014.
- DEUTSCH, R. Judahite Pillar Figurines: More Questions than Answers. In: DARBY, Erin D.; HULSTER, Izaak J. de. **Iron Age Terracotta Figurines from the Southern Levant in Context**. Leiden: Brill, 2021. p. 163-177.
- DEVER, W. G. Ancient Israelite Religion: How to Reconcile the Differing Textual and Artifactual Portraits?. In: DIETRICH, W.; KLOPFENSTEIN, M. A. (eds.). **Ein Gott Allein**. Freiburg: Universitätsverlag, 1993. p. 105-125.
- DEVER, W. G. **Did God Have a Wife? Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel**. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.
- DEVER, W. G. **Recent Archaeological Discoveries and Biblical Research**. London: University of Washington Press, 1990.
- DEVER, W. G. **The Lives of Ordinary People in Ancient Israel: Where Archaeology and the Bible Intersect**. Michigan: Eerdmans, 2012.
- DUNBABIN, T. J. **The Greeks and Their Eastern Neighbours: Studies in the Relations Between Greece and the Countries of the Near East in the Eighth and Seventh Centuries B.C**. Londond: The Society for the Promotion of Hellenistic Studies, 1957.

- ENGLE, J. R. **Pillar Figurines of Iron Age Israel and Asherah-Asherim**. Tese (Ph.D. dissertation) – University of Pittsburgh, 1979.
- GARFINKEL, Yosef et al. **Khirbet Qeiyafa, vol. 4: Excavation Report 2009–2013: Art, Cult and Epigraphy**. Jerusalem: Israel Exploration Society and the Khirbet Qeiyafa Expedition, 2018.
- HODDER, I. **Theory and Practice in Archaeology**. London: Routledge, 1992.
- HOLLAND, T. A. A Study of Palestinian Iron Age Baked Clay Figurines with Special Reference to Jerusalem Cave I. **Levant**, v. 9, p. 121-122, 1977.
- JOHNSTON, P. Figuring out Figurines. *Tyndale Bulletin*, v. 54, n. 2, p. 81-104, 2003.
- KARP, Ivan; LAVINE, Steven D. **Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display**. Washington: Smithsonian Institution, 1991.
- KEEL, O.; UEHLINGER, C. **Gottinnen, Gotter und Gottesymbole**, QD 134. Freiburg im Breisgau: Vandenhoeck and Ruprecht, 1992.
- KENYON, Kathleen M. *Digging up Jerusalem*. London: Ernest Benn, 1974.
- KLETTER, R. Between Archaeology and Theology. In: MAZAR, A. (ed.). **Studies in the Archaeology of the Iron Age in Israel and Jordan**. Sheffield: Sheffield Academic, 2001. p. 179-216.
- KLETTER, R. **The Judean pillar figurines and the archaeology of Asherah**. Oxford: Tempus Reparatum, 1996.
- LAHN, K. Qedeschet. Genese einer Transfergottheit im ägyptisch-vorderasiatischen Raum. **Studien zur Altägyptischen Kultur**, v. 33. p. 201-237, 2005.
- LECLANT, J. Astarté à cheval d'après les représentations égyptiennes. *Siria* v. 37, p. 1-67, 1960.
- MAIER, W. A. **Ašerah: Extrabiblical Evidence**. HSM, 37. Atlanta: Scholars Press, 1986.
- MAY, H. G. **Material Remains of the Megiddo Cult**. Chicago: University of Chicago Press, 1935.
- MAZAR, A. Clay Figurative Art and Cult Objects. In: PANITZ-COHEN, Nava; MAZAR, A. (eds.). **Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996**, Vol. III. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2009. p. 530–555.
- MEYERS, C. A Terracotta at the Harvard Semitic Museum and Disc-Holding Female Figures Reconsidered. **Israel Exploration Journal**, v. 37, n. 2/3, p. 116-122, 1987.
- MOOREY, P. R. S. **Idols of the People**. Miniature Images of Clay in the Ancient Near East. The Schweich Lectures of the British Academy 2001. Oxford: British Academy, 2003.
- NEGBI, O. **Caananite Gods in Metal: An Archaeological Study of Syro-Palestinian Figures**. Tel Aviv: University Institute of Archaeology, 1976.
- OLYAN, S. M. Asherah and the Cult of Yahweh in Israel. **SBLMS**, 34. Atlanta: Scholars Press, 1988.
- PEARCE, Susan M. **Museums, Objects and Collections: A Cultural Study**. Washington: Smithsonian Institution, 1992.
- PRITCHARD, J. B. **Palestinian Figurines in Relation to Certain Goddesses Known Through Literature**. American Oriental Series 24. New Haven: American Oriental Society, 1943.
- STERN, E. **Archaeology of the Land of the Bible**, Vol. 2: The Assyrian, Babylonian, and Persian Periods. New York: Doubleday, 2001.
- STERN, E. **Material Culture of the Land of the Bible in the Persian Period, 538– 332 B.C.** Warminster/Wiltshire: Aris & Phillips, 1982.
- TADMOR, M. Women Relief-figurines in Late Bronze Age Canaan. **Eretz-Israel**, v. 15, p. 79-84, 1981 (texto publicado em hebraico).

- TADMOR, M. Female Cult Figurines in Late Canaan and Early Israel: Archaeological Evidence, In: ISHIDA, T. (ed.). **Studies in the Period of David and Solomon and Other Essays**. Papers Read at the International Symposium for Biblical Studies, Tokyo, 5–7 December 1979, Tokyo. University Park: Eisenbrauns, 1982. p. 139-173.
- TUFNELL, O. (ed.). **Lachish III. (Tell ed-Duweir)**. Oxford: Oxford University Press, 1953.
- VOIGT, M. M. **Hajji Firuz Tepe, Iran: The neolithic Settlement**. Hasanlu Excavation Reports Vol. I. Pennsylvania: The University Museum, 1983.
- WIGGINS, S. **A Reassessment of Asherah: With Further Considerations of the Goddess**. Piscataway: Gorgias Press, 2007.
- WILSON, I. D. Judean Pillar Figurines and Ethnic Identity in the Shadow of Assyria, **Journal for the Study of the Old Testament**, v. 36, n. 3, p. 259–278, 2012.
- ZEVIT, Z. **The Religions of Ancient Israel: A Synthesis of Parallactic Approaches**. London: Continuum, 2001.